

A RELATIVIDADE DO TEMPO EM “A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO” DE GUIMARÃES ROSA

Maria Luiza Almeida Cunha de Castro^{*}
Ana Maria Nogueira Rezende^{**}
Mayara Oliveira^{***}

Resumo: O artigo investiga as marcas dos diferentes sentidos do tempo que configuram o substrato do conto “A volta do marido pródigo” de Guimarães Rosa. São apresentadas três diferentes abordagens sobre o tempo: a primeira enfatiza a dimensão universal e mítica da obra; a segunda coloca o foco em uma dimensão sócio-histórica, que retrata a sociedade na época. Em seguida, é proposta uma terceira abordagem, menos explorada pelos críticos em geral, que procura analisar a dinâmica social retratada por meio da trama, com base na premissa de Gurvitch de que existe um tempo para cada formação social.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Tempo. Formação social.

INTRODUÇÃO

■ **A**s transformações das práticas espaciais e temporais do final do século XIX – a partir da Revolução Industrial e de seus desdobramentos – influenciaram profundamente a maneira de se enxergar o mundo. Harvey (2008) destaca, entre outras transformações, a dinamização do comércio, a introdução das estradas de ferro, a organização de sistemas de comutação em larga escala na vida metropolitana e os avanços na comunicação (telefone e rádio). Emblemática foi também a mudança trazida pela implementação da linha de produção por Ford, que “usou certa forma de organização espacial para acelerar o tempo de giro do capital produtivo” (HARVEY, 2008, p. 242).

^{*} Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. *E-mail:* luizadecastro2000@gmail.com

^{**} Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. *E-mail:* anitarezende@gmail.com

^{***} Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. *E-mail:* mayaraemanuelli@hotmail.com

Do ponto de vista da regulamentação social do tempo, novas referências foram impostas, como a reforma de 1891 na França, que definiu um horário único em seu território, ou a instauração da hora universal determinada pelo meridiano de Greenwich, a partir de 1884, em um sistema que teve adesão gradativa por parte dos demais países (RAMOS, 2014). Essas mudanças radicais tiveram implicações em termos de experiência efetiva, com repercussões na percepção do tempo e na prática cotidiana (RAMOS, 2014), além de romperem com o sentido de continuidade histórica.

A questão do tempo tornou-se, assim, o centro de discussões e questionamentos em todas as áreas. Na matemática e na física, elas culminaram com a Teoria da Relatividade de Einstein, segundo a qual, o tempo varia conforme a velocidade do observador. Einstein “mostrou, em particular, que o tempo e a posição em que um evento ocorria dependia de como o observador estava se movendo [...]” (STACHEL, 1998 *apud* TARVI, 2015, p. 194). Na prática, de acordo com esse princípio, o ritmo dos tiques de um relógio em movimento seria menor que o daquele de um relógio idêntico parado: “Grosso modo, as separações espaciais encolhem e o tempo diminui para um objeto em movimento” (GREENE, 2014, p. ix, tradução nossa).

O conceito científico proposto foi absorvido por diversas áreas, sem se fixar necessariamente no sentido original, mas fazendo evoluir a representação coletiva do tempo por meio da incorporação de novos elementos ao senso comum – entre eles, as categorias de espaço-tempo e o termo “relatividade” (RAMOS, 2014).

No campo da cultura, o problema do tempo se tornou a questão estética mais importante nas primeiras décadas do século XX. Nas artes plásticas, vários movimentos tentaram capturar e lidar com o tema. O impressionismo já levantara questões sobre a colocação do tempo como a quarta dimensão do espaço, preocupação expressa, por exemplo, por Monet, que pintava várias vezes a mesma cena em momentos diferentes. Picasso foi mais longe na representação temporal e pintou a mesma pessoa, em momentos diferentes, na mesma tela, apresentando a relatividade do tempo em cena, como uma projeção do tempo no espaço (ver, por exemplo, *Les Demoiselles d'Avignon*) (REIS; GUERRA; BRAGA; 2005). Delaunay, em suas diversas representações da Torre Eiffel, tentou retratar o tempo por meio da fragmentação do espaço. Vários artistas (como De Chirico e Dalí), por sua vez, adotaram os relógios como tema de suas obras – “um gesto incomum na história da arte” (HARVEY, 2008, p. 242). Já o futurismo trouxe propostas de representação da velocidade e do movimento no espaço (HARVEY, 2008). A própria efemeridade que a revolução estética dos movimentos das vanguardas promoveu foi uma forma de lidar com a consciência emergente sobre a multiplicidade de tempos.

Na literatura, “James Joyce [...] começou sua busca da apreensão do sentido de simultaneidade no espaço e no tempo [...], insistindo no presente como a única sede real da experiência” (HARVEY, 2008, p. 243). Proust, por outro lado, vislumbrou a eternidade “do tempo entrecruzado [...] contrapondo a reminiscência e o envelhecimento numa obra de [...] *mémoire involontaire* [...]” (BENJAMIM, 1994, p. 45).

No campo nascente da sociologia, Durkheim publicou, em 1912, “Formas elementares da vida religiosa”, com o reconhecimento explícito de que “o fundamento da categoria tempo é o ritmo da vida social” (HARVEY, 2008, p. 246). Na Filosofia, Husserl produziu, em 1905, o texto sobre o estudo fenomenológico do

tempo, interessando-se à maneira como ele é captado pela consciência com base em relações com a música (HUSSERL, 1964). Em sua obra “Duração e Simultaneidade” (1922), Bergson falou de um tempo único, reconhecendo nele, entretanto, uma multiplicidade de níveis, e se confrontou à Teoria da Relatividade de Einstein. Deleuze aponta as relações do pensamento do autor com as propostas do matemático e físico Riemann – cujo trabalho foi fundamental para a Teoria da Relatividade de Einstein –, mas destaca a forma pela qual Bergson renova o “alcance” e a “repartição” da noção de “multiplicidade”, que subsidia o entendimento de “duração” de ambos os autores (DELEUZE, 1999, p. 30).

Assim, nas primeiras décadas do século XX, a preocupação emergente com a experiência do tempo se colocou como foco privilegiado da sensibilidade, impregnando a arte, a cultura, a ciência, e manifestando-se sob as mais diversas formas de expressão e conhecimento.

Guimarães Rosa (1908-1967) fez, portanto, parte de uma geração para a qual o tempo se impôs como reflexão obrigatória. A obra do autor ficou conhecida não só pela inovação no vocabulário, original e denso de significados – “Guimarães Rosa encontrou nas palavras uma quarta dimensão” (BLOCH, 1963) – mas, também, pelos enredos, que constituem instrumentos cognitivos de interpretação da cultura, espelhando formas de ser e de pensar, trazendo valores que estimulam emoções e memórias. Com uma linguagem única e expressiva, ao mesmo tempo erudita e repleta de neologismos e regionalismos, ele apresenta um interior de país pleno em diversidade e com múltiplas facetas.

Este artigo procura investigar as marcas dos diferentes sentidos do tempo que configuram o substrato do conto “A volta do marido pródigo”, escrito em 1937, em pleno afloramento da consciência da relatividade temporal nas diversas esferas culturais. O amplo espectro de significados da obra reflete uma sensibilidade apurada que incorpora as marcas das diferentes experiências do tempo e as registra com sutileza. Destaca-se, assim, a existência de múltiplas camadas de interpretação (RONCARI, 2004), e são apresentadas três diferentes abordagens sobre o tempo, que surgem de acordo com a perspectiva de análise.

A primeira enfatiza a dimensão universal e mítica da obra (CANDIDO, 2000 *apud* MAIA, 2007), incluindo a proposta de alguns analistas (OLIVEIRA, 2010; BUHLER, 2012), que associam o conto a um tempo gerado pela visão carnavalesca do mundo, conforme Bakhtin (2010). Enquanto relato com tendências universalizantes – que faz recurso à parábola e entende o sertão como metáfora para o mundo –, o conto revela uma estrutura de tempo por meio da qual os acontecimentos reafirmam padrões, que se desenvolvem em “torno dos valores da cultura popular e sua cosmovisão carnavalesca do mundo” (BUHLER, 2012, p. 8).

A segunda abordagem coloca o foco em uma dimensão sócio-histórica, que retrata a sociedade da época, recuperando o tempo enquanto memória da vida político-institucional do Brasil na Primeira República (RONCARI, 2004).

Por fim, é proposta uma terceira abordagem, que procura analisar a dinâmica social retratada por meio da trama, baseada na premissa de Gurvitch (1964) de que existe um tempo para cada formação cultural. Esta perspectiva visa expor a relação entre o tempo e as práticas sociais.

A relatividade e o tempo passam, portanto, a ser os operadores da compreensão da dialética tempo-espaço de uma parábola às avessas, que retrata o sertão em uma época de extrema ebulição.

TEMPO MÍTICO E TEMPO HISTÓRICO

A narrativa de Guimarães Rosa no conto “A volta do marido pródigo” gira em torno das artimanhas de Lalino Salâthiel, um mulato que trabalha em Itaguara, Minas Gerais, nas obras da então futura rodovia São Paulo-Belo Horizonte, sob a supervisão do Sr. Marra. Segundo Roncari, o personagem teria sido a primeira tentativa do autor de “representar um tipo característico, quer dizer, ‘brasileiro” (RONCARI, 2004, p. 28). Entediado com a vida, o mulato parte para o Rio de Janeiro em busca de aventuras, obtendo o financiamento para sua jornada com o espanhol Ramiro, pretendente de sua mulher. Seis meses depois, esgotados os recursos e sem maiores êxitos, ele retorna ao lugarejo. Aos poucos, consegue recuperar a estima na sociedade local e uma posição confortável, fazendo uso de estratégias nos quais é possível reconhecer um caráter de comédia popular, como descreve Bakhtin (2010). Envolve-se na política, passando a trabalhar para um político em campanha, o Major Anacleto, e termina por reconquistar também a esposa, fazendo expulsar os espanhóis – até o rival Ramiro.

O conto é, de fato, rico em possibilidades de interpretação e, neste sentido, diferentes reflexos da narrativa podem emergir de leituras perspectivadas. Segundo Roncari (2004), o próprio Guimarães Rosa, ao se referir à capacidade dos críticos em penetrar em sua obra, utiliza o termo “camadas”. Essas diversas camadas de leitura trazem, portanto, sentidos complementares para a interpretação. Adotando esta perspectiva, Roncari (2004, p. 18-19) identifica duas camadas em geral mais exploradas: a primeira, por meio da qual surge uma “dimensão simbólica, universal e mítica das obras” e outra que revela a literatura baseada na tradição literária brasileira e seus temas – “do sertão, do jagunço, do gado, da grande propriedade agrária, dos conflitos decorrentes do processo de modernização e dos seus modos de expressão tradicionais”. Roncari sugere ainda a existência de outra camada, pouco investigada pela crítica histórica, retratando “a vida político-institucional de nossa primeira experiência republicana e numa perspectiva que poderíamos considerar conservadora” (RONCARI, 2004, p. 18-19).

No que diz respeito à perspectiva universalizante, são diversos os analistas da obra de Guimarães Rosa que a traduzem em uma relação mais ampla: “Sabemos que o sertão é o mundo, é universal, pode ser todo e qualquer lugar, ele congrega o perto e o longe, ‘o que a vista alcança e o que só a imaginação pode ver” (NUNES, 1969, p. 174 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 59). Essa condição universalizante no conto “A volta do marido pródigo” está inicialmente expressa em sua intertextualidade com relação à parábola do *Filho pródigo*, já anunciada pelo autor no próprio título (NASCIMENTO, 2010) – mesmo porque “o povo do interior – sem convenções, poses – dá melhores personagens de parábolas; lá se veem bem as reações humanas e a ação do destino [...]” (ROSA, 1987, p. 333 *apud* RONCARI, 2004, p. 110). O enredo guarda ainda uma semelhança com as vicissitudes que “[...] antigas e modernas epopeias tiveram que confrontar em seus percursos”, mesmo que guardando uma relação com o “[...] mundo ideológico-cultural [...]” do contexto (BUHLER, 2012, p. 10).

Machado (1998, p. 39) entende que *Sagarana* (1980) – coletânea da qual o conto em questão faz parte – “[...] é o encontro de diferentes temporalidades e espaços culturais”, pois “recupera as narrativas remotas, as *sagas* [...]” e “reco-

lhe as histórias dos seres de um espaço, o sertão do centro-norte mineiro”. O título da obra sugere que as narrativas devem ser lidas “como se fossem sagas¹, [o que] implica o exame de como um tempo se inscreve no espaço para criar os sentidos das histórias narradas” (MACHADO, 1998, p. 39). Assim, a narrativa não é composta por uma sequência de eventos, mas pela construção de um mundo fictício que incorpora “indicadores espaciais e temporais” e os torna “artisticamente visíveis” (MACHADO, 1998, p. 39).

Buhler (2012) e Oliveira (2010) interpretam o conto a partir da ideia de cronotopo (BAKHTIN, 2002), perspectiva que ajuda a elucidar a noção de tempo em relação ao espaço dentro da literatura. Trata-se de uma proposta que parte explícita e declaradamente da Teoria da Relatividade, pela qual o tempo se torna “a quarta dimensão do espaço” (BAKHTIN, 2002, p. 15).

O “cronotopo”, para Bakhtin (2002, p. 15), surge da “intrínseca conectividade das relações temporais e espaciais que são artisticamente expressas na literatura”. Neste sentido, o tempo determina o espaço e define, ainda, os tipos de narrativa, estabelecendo uma relação entre o real e o relatado e, também, a imagem do homem na literatura. Os cronotopos são “como imagens mentais de quatro dimensões, combinando as três dimensões espaciais com a estrutura de tempo da ação temporal” (KEUNEN, 2001, p. 421 *apud* BEMONG, 2010, p. 7, tradução nossa), ou ainda “como ‘eventos congelados’, lembretes condensados do tipo de tempo e espaço que tipicamente funciona nestes cenários” (MORSON; EMERSON, 1990, p. 374 *apud* BEMONG, 2010, p. 7, tradução nossa).

Dentro da perspectiva de análise da literatura proposta por Bakhtin (2002), o conto de Guimarães Rosa deixa transparecer o espírito popular do carnaval. Bakhtin realizou uma análise da obra de Rabelais², a partir da compreensão da cultura popular na Idade Média e no Renascimento, com foco nas festividades de carnaval. O carnaval, para ele, “funde ações e gestos, elaborando uma linguagem concreto-sensorial simbólica” (SOERENSEN, 2011, p. 319) sendo, portanto, “um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo” (SOERENSEN, 2011, p. 318). Tendo em vista a transposição do carnaval para a linguagem da literatura, Bakhtin (2010, p. 27) propõe o conceito de *carnavalização da literatura*. Ela está associada a um “realismo grotesco [...], tipo específico de imagens da cultura cômica popular em todas as suas manifestações”. Esta *carnavalização* permite que haja uma inversão, pela qual “os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade, onde se privilegia o marginal, o periférico, o excludente” (SOERENSEN, 2011, p. 320).

Assim, em “A volta do marido pródigo”, o herói é construído como um tipo e Guimarães Rosa coloca em cena os valores do universo popular, por meio da “heroificação específica” do malandro Lalino Salãthiel (BUHLER, 2012, p. 11). O herói Lalino opera “valores fundamentais da sociedade sertaneja, que constituem um sistema simbólico coerente” – astúcia, coragem e vingança pessoal (BUHLER, 2012, p. 14). Os eventos seguem um princípio organizador, que advém do cronotopo e lhe confere uma “lógica puramente artística que reduz a indeterminabilidade do devir – a imprevisibilidade da série aventuresca – a unidade

1 “Etimologicamente, *saga*, de raiz germânica, diz respeito às narrativas em prosa, históricas e/ou lendárias, ricas em incidentes; e, *rana*, sufixo tupi, significa ‘à semelhança de’, ‘ao modo de’” (NASCIMENTO, 2010, p. 20).

2 François Rabelais foi um médico escritor francês, cuja obra é considerada por Bakhtin como “o apogeu da história do riso” no século XVI (SOERENSEN, 2011).

necessária, que permite compreender e ver o todo do destino do herói” (BUHLER, 2012, p. 14).

O sertão, entretanto, não é simplesmente um universo abstrato, pois se compõe a partir dos conflitos sociais reais. A desordem tem uma dupla função: criar uma intriga, resolvida por meio de uma inversão carnavalesca, e retratar a estrutura sociopolítica do sudeste mineiro da Primeira República. Desta forma, o herói não se enquadra na ordem político-institucional excludente, mas se articula por meio de artifícios diversos – “[...] códigos dos favores, da patronagem e das relações pessoais vincadas na consideração e na vassalagem calculada” (BUHLER, 2012, p. 156).

Estão, portanto, presentes no conto, aspectos socioculturais historicamente encontrados na Primeira República no Brasil, um “[...] país que proporciona trajetória de longo curso a formas de relações interpessoais e sociais que afirmam a autonomia do indivíduo e a negam pela imposição de um padrão de dependência pessoal direta” (PASTA JÚNIOR, 1999 *apud* MAIA, 2007). Questões como “o apadrinhamento, os laços familiares, a violência, o sincretismo religioso” (BUHLER, 2012, p. 10), ou “[...] a miscigenação; a estratificação e a hierarquia social, os problemas de arrivismo e da ascensão social; a concepção das elites” (RONCARI, 2004, p. 21), entre outros, trazem a cena do Brasil rural.

Assim, a narrativa ocorre em dois sentidos e a relação entre as duas camadas de conteúdo está expressa “na medida em que se acentua o caráter aventureiro como capacidade de adaptação do homem, numa relação de dependência com a contingência sócio-histórica” (BUHLER, 2012, p. 14).

UM TEMPO PARA CADA FORMAÇÃO SOCIAL

Segundo Roncari (2004, p. 17), Guimarães Rosa adotava três tipos principais de fontes:

[...] uma empírica, dada pela vivência direta da região e do país; outra mítica e universal, adquirida na leitura da literatura clássica e moderna; e outra nacional, apoiada não só na nossa tradição literária, mas também nos velhos e novos estudos e interpretações do Brasil.

Cada uma destas fontes originou uma camada de compreensão da obra, conforme já mencionado, porém, a relação com o tempo na abordagem de Guimarães Rosa vai ainda além das preocupações estéticas e filosóficas e do registro sócio-histórico de uma época, uma vez que se mostra ancorada também na experiência efetiva: o trânsito do autor entre ambientes conformados de forma muito distinta, do ponto de vista social, o levou a compartilhar ritmos e dinâmicas de vida que se refletiam em experiências temporais específicas para cada situação. Assim, é possível revelar uma camada adicional de conteúdo que, embora envolva uma discussão “dos conflitos decorrentes do processo de modernização e dos seus modos de expressão tradicionais” (RONCARI, 2004, p. 18), traz uma nova dimensão ao realizar a análise pelo filtro do tempo vivenciado.

Por um lado, a realidade da região fez parte do cotidiano de infância do autor e, mais tarde, de suas andanças de médico recém-formado. Enquanto médico em Itaguara, ele percorria estradas em lombo de mula, conversava com os vaqueiros, contava e ouvia casos, ia anotando as “impressões de boiadeiro”, em

uma época em que tangia “boiadas pelo sertão mineiro, em configuração que se tornou legendaria: necessitando das mãos livres para subjugar a montaria, levava o caderno atado ao pescoço por um barbante” (GALVÃO, 2006, p. 149 *apud* SOUZA, 2008, p. 127). Porém, sua vivência direta abrange mais do que a região e o país: extremamente culto, estudou em uma das melhores escolas da época em Belo Horizonte e, com apenas 16 anos, iniciou o curso na Faculdade de Medicina. Dominava diversos idiomas e, mais tarde, ingressou na carreira diplomática, servindo inicialmente como vice-cônsul em Hamburgo, tendo para tanto se qualificado em concurso para o Itamarati, já em 1934. Na Alemanha, foi obrigado a lidar com a dinâmica explosiva e extrema dos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, atuou como diplomata em diversos outros países.

Assim, para Guimarães Rosa, a relatividade do tempo se colocou como experiência vivida, que adquiriu dinâmicas diferentes conforme a imersão de cultura que ele vivenciava. O livro que foi o esboço para *Sagarana* foi escrito em 1937, às vésperas de partir em viagem para viver na Alemanha (LIMA, 2010).

A consciência sobre uma dinâmica específica de tempo correspondente à formação social do sertão transparece no ritmo que o autor imprime às narrativas e na forma como essa cadência configura um sentido de tempo que emerge enquanto dimensão do espaço, transformando este espaço, na medida em que se altera. “A volta do marido pródigo” retrata um período sob a tensão latente provocada pela coexistência de dois ritmos: um novo, que se infiltrava por meio da construção da estrada, e outro antigo, cuja força inercial garantia a endogeneidade de um sertão organizado a partir de suas dinâmicas próprias. Estes ritmos se refletiam em formações sociais distintas, engendrando sentidos de percepção do tempo correspondentes. A configuração destas condições de tempo encontra em Gurvitch um suporte de análise privilegiado.

Gurvitch (1964) propõe a ideia da coexistência de tempos diferentes em uma mesma época. Ele defende que a cada tipo de formação social corresponde um sentido específico de tempo, o que traz uma universalidade para determinadas situações. Os papéis sociais, as atitudes e os valores se articulam de acordo com as especificidades de cada tempo. Assim, ele identifica, ao longo da história, oito categorias de tempo social: o tempo “de longa duração e em câmara lenta” ou “permanente”; o tempo *Trompe-l’oeil*, que parece com o primeiro, mas se alterna em continuidades e descontinuidades de forma imprevisível (“ilusório”); o tempo de batidas irregulares (errático); o tempo cíclico, “uma dança sobre o mesmo lugar”; o tempo atrasado com relação a si próprio (“retardado”); o tempo de alternância entre o atraso e o avanço (“alternado”); o tempo avançado sobre si mesmo, (“acelerado”); e o tempo explosivo (GURVITCH, 1964, p. 27-30; HARVEY, 2008, p. 205). Cada um deles corresponde a um tipo de organização social. A dimensão qualitativa da análise enfatiza as articulações entre presente, passado e futuro e, a dialética, entre categorias como continuidade e descontinuidade, coerência e contingência, reversibilidade e irreversibilidade (MAILLARD, 2005).

Assim, “[...] é impossível produzir a análise de qualquer conhecimento ou de qualquer enquadramento social concreto, sem recolocar este conhecimento ou este enquadramento social dentro do tempo que é o seu” (FARRUGIA, 1999, p. 115, tradução nossa). De acordo com Gurvitch (1964), portanto, as mudanças na estrutura social levam a mudanças na percepção do tempo.

A construção da estrada entre Belo Horizonte e São Paulo anuncia uma perturbação na configuração social local de Itaguara, que vai transformar as relações

na dialética entre o lugar e o tempo e o sentido de percepção deste último. Para entender tais transformações é necessário, portanto, retomar a gênese do sentido de tempo permanente, que imperava até então.

UMA DUPLA ARTICULAÇÃO DE FLUXOS: A DIALÉTICA DO SERTÃO

Na região sudeste do Brasil, os caminhos e, mais tarde, as estradas, foram fundamentais para o nascimento, mas, também, para o desenvolvimento das cidades, pois concentravam fluxos, permitindo a consolidação da sociedade e da cultura. As características destes fluxos foram, portanto, determinantes para o caráter do povoamento e para o surgimento das identidades de cada lugar.

No século XVIII, a circulação se fazia por meio de rotas principais, que conectavam a capitania de São Paulo às regiões mineradoras, fazendo a ligação inter-regional (MORAES, 2005 *apud* CRUZ, 2008) e, em paralelo, por uma malha de rotas menores que articulavam a região e suas diversas localidades. Esta malha se consolidou, em seguida, com a crise da atividade mineral, em torno de zonas agropastoris mais diversificadas.

À medida que avançaram os séculos XVIII e XIX, houve uma especialização de atividades, resultado de “especificidades produtivas locais e os arranjos das rotas de comércio” (CUNHA, 2002, p. 2), com “relativa independência em relação a mercados externos de outros espaços regionais do Brasil e do exterior do país” (GODOY; BARBOSA, 2008, p. 161). Contudo, os caminhos vicinais que interligavam as localidades eram extremamente precários até o século XIX (PRADO JÚNIOR, 2000), o que constituía importante barreira para uma circulação mais ampla de pessoas, ou ainda de ideias e de informação. Paradoxalmente, este isolamento favorecia a articulação local e o desenvolvimento de uma rede de abastecimento que, no início do século XIX, levava para a capitania de Minas Gerais uma quase autonomia com relação aos gêneros essenciais de consumo básico (GODOY, 1996; BARBOSA, 2011). No entanto, o isolamento fazia que as mudanças ocorressem de forma extremamente lenta, privilegiando um sentido de continuidade (GURVITCH, 1964), construído ao longo dos anos de colonização.

Assim, na região do sertão mineiro, as dificuldades de transposição trazidas pela precariedade das estradas favoreceram a prevalência do tempo que Gurvitch (1964) chama de “permanente”. “Ele corresponde aos agrupamentos de parentesco e aos agrupamentos de localidade, principalmente em meio rural, [dizendo] respeito à classe camponesa e às sociedades patriarcais, que se movem em um mundo de determinações” (FARRUGIA, 1999, p. 115, tradução nossa): o presente é subjugado pelo passado e ameaça o futuro (GURVITCH, 1964); “o passado é distante e dominador”, e a continuidade se impõe sobre a descontinuidade (MAILLARD, 2005, p. 202, tradução nossa).

A evolução que se observou na economia e nos meios de transporte ao longo do século XIX e no início do século XX acabou provocando uma transição no sentido do tempo vivenciado, uma vez que trouxe grandes mudanças para as relações sociais. Aos poucos, a integração inter-regional foi implementada, com a transição do foco econômico para a exportação do café e a concentração dos investimentos principalmente no transporte ferroviário (RIBEIRO, 1957; MORAIS, 2010). O modelo agroexportador esteve, portanto, estreitamente relacionado às ferrovias (GODOY; BARBOSA, 2008).

A construção e operação de ferrovias provocaram uma profunda mudança no mercado de trabalho, até então condicionado em grande parte pelas necessidades da agricultura de exportação; assim, houve o aumento da demanda de trabalhadores empregados no transporte do produto e na sua construção, manutenção e operação. Foram, também, introduzidas novas relações de trabalho, por meio da incorporação de trabalhadores nacionais, imigrantes e da emancipação gradual da escravidão (LAMOUNIER, 2000).

O transporte ferroviário também articulou outros meios tradicionais, pois as cargas tinham que ser levadas de um vagão para o outro, quando havia mudança de bitola – e até estações situadas em locais inadequados, o que era feito por meio dos carros de boi, barcos e outros veículos. Desta forma, a demanda por tropas de burros permaneceu até a rápida expansão das linhas férreas na década de 1880. Mesmo depois que estas últimas suplantaram as tropas de burros como meio de transporte principal, elas continuaram a existir como um sistema complementar, transpondo mercadorias entre as ferrovias e as áreas não servidas por elas (LAMOUNIER, 2000).

As transformações ocorridas nesta época consolidaram o tempo social que Gurvitch (1964) aponta como “alternado”, hesitando entre o passado e o presente. É “o tempo das comunidades quando elas sacodem o seu imobilismo. Os grupos procuram novos valores sem poder ainda renunciar aos antigos, e efetivamente escolher” (FARRUGIA, 1999, p. 116, tradução nossa).

No que diz respeito à matriz de transporte, um redirecionamento de foco só foi ocorrer a partir das primeiras décadas do século XX, quando o sistema rodoviário adquiriu maior visibilidade no cenário do país (GALVÃO, 1996). As crises da economia cafeeira e o frágil equilíbrio financeiro das companhias ferroviárias em operação, acabaram levando as instituições governamentais a reconsiderar as rodovias como alternativa de solução de integração nacional, fazendo, assim, que elas assumissem maior importância nos planos de transporte. As décadas de 1920 e 1930 constituem, então, um momento extremamente complexo, uma encruzilhada na qual diversas tendências se colocaram em confronto, emergindo a partir de forças conflitantes baseadas nas diferentes propostas para a definição do futuro do país: a matriz rodoviária aparecia em contraposição à matriz ferroviária, nos transportes; e o modelo primário exportador, em contraposição a um modelo de crescimento interno, com base na industrialização. Essas oposições refletiam, naturalmente, o tempo social alternado e tinham seus desdobramentos políticos e sociais.

Na escala local, em Minas Gerais, a diluição do sentido de lugar, iniciada com a penetração das ferrovias no século anterior, foi aprofundada com os investimentos nas rodovias, que permitiam uma maior capilarização, uma vez que eram mais viáveis financeiramente. Como parte de um projeto entendido na época como de modernização do país, as estradas passaram a exercer um papel mais relevante na integração inter-regional, atuando como pontes entre as pequenas comunidades do sertão e os grandes centros urbanos, propagadores de novas formas de vida e comportamentos.

Em muitas aglomerações da região do sertão em Minas Gerais, esta capilarização trazida pelas rodovias fez que a década de 1920 assistisse a uma nova fase de diluição do tempo “permanente”. O conto de Guimarães Rosa coloca em cena, então, essas vicissitudes de uma época de transição, com todas suas contradições.

A ESTRADA: CONFIGURAÇÃO DA MUDANÇA NO SENTIDO DE TEMPO

No início do século XX, a passagem de uma economia essencialmente agrícola para uma economia industrial, processo iniciado em São Paulo, influenciou as políticas de transporte do estado e, em seguida, as políticas federais. A articulação entre os diversos pontos do território foi, então, resultado de uma estratégia para integração entre a atividade industrial e as atividades da cadeia produtiva (GODOY, 1996). São Paulo transformara-se em um importante polo econômico, de forma que sua conexão com a nova capital do estado de Minas Gerais era imprescindível para o desenvolvimento desta última.

O distrito rebatizado em 1923 com o nome de Itaguara, anteriormente Distrito de Dores da Conquista, encontrava-se nas imediações do trajeto projetado. Inicialmente foi centro de agricultura e pecuária, abastecendo as zonas de mineração à época das Bandeiras (ENCICLOPÉDIA..., 1959). Situado em posição estratégica, sua conexão com diversos caminhos tradicionais permitiu seu fortalecimento como centro fornecedor de produtos agrários na região e possibilitou que se articulasse dentro de uma rede de exploração econômica na província – dominada por determinadas famílias poderosas – que incluía a atividade mineradora e grandes fazendas (NEVES; CUNHA, 2015-2016). Suas atividades principais continuaram ligadas à agricultura e à criação de animais.

Na região próxima ao distrito, durante a época colonial, tem-se notícia de apenas três novos caminhos, criados como atalhos para caminhos já existentes. Até 1835, estes caminhos, em geral, não eram carroçáveis, e por eles circulavam tropas de burros. O transporte local era feito por carreiros, que utilizavam as estradas internas das fazendas com carroças e carros de boi (NEVES; CUNHA, 2015-2016).

As ferrovias mais próximas da região de Conquista chegavam a Tamanduá, Oliveira e à estação de Entre Rios e São João del-Rei (PIMENTA, 1971). O distrito de Conquista, entretanto, ainda não era diretamente servido e, nas décadas de 1910 e 1920, a circulação era feita predominantemente por animais e carros de boi – além de alguns poucos automóveis que chegavam com dificuldade à cidade. “Não estando em proximidade às rotas comerciais mais movimentadas, Itaguara conservava em si largas características da vida do século XIX, das práticas tropeiras e dos resquícios das atividades tradicionais” (NEVES; CUNHA, 2015-2016, p. 13).

A estrada São Paulo-Belo Horizonte foi projetada e, sua construção, realizada entre os anos de 1928 e 1934 – com atrasos. A rodovia original seguia de São Paulo até Belo Horizonte passando por cidades como Atibaia, Bragança, Manducaya, Cambuy, Pouso Alegre, São Gonçalo, Lavras e, ainda, Itaguara, Crucilândia, Bonfim, Ibirité, Sarzedo, Brumadinho, Contagem e pela região onde hoje se encontra o bairro do Barreiro (na época, Fazenda do Barreiro) (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1927-1934). O trecho próximo a Itaguara foi autorizado pelo Secretário de Agricultura, Viação e Obras Públicas, Djalma Pinheiro Chagas (1884-1962), e a empresa de construtores A.R. Gianetti & Almeida Magalhães foi contratada para fazer o serviço de 68.000 m³ neste trecho (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1927-1934).

Os protagonistas que Guimarães Rosa apresenta no conto correspondem a figuras reais, contemporâneos da época em que atuou como médico no local.

Conforme pesquisas no acervo da Biblioteca Municipal João Guimarães Rosa, Waldemar (o encarregado da obra) e José Benjamim Marra – *seu Marra* –, trabalharam efetivamente na construção da estrada, chefiados por Paschoal Torquette, na empresa A.R. Gianetti & Almeida Magalhães, responsável pelo trecho do Rio Pará (na divisa dos atuais municípios de Carmópolis de Minas/MG – antes distrito de Japão –, Cláudio/MG e Itaguara/MG até a cidade de Bonfim/MG) (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1927-1934).

O personagem principal, Lalino Salãthiel, teria sido um empregado na construção da estrada em Itaguara, na turma de trabalho do Sr. Paschoal Torquette (NEVES; CUNHA, 2015-2016). Durante sua permanência em Itaguara, Guimarães Rosa teria mantido amizade com o Sr. Marra que, além de trabalhar na construção da estrada, envolveu-se efetivamente em projetos de teatro na cidade – como no conto. Por sua vez, o Major Anacleto, político para quem Lalino passa a trabalhar quando retorna do Rio de Janeiro, seria o major Antônio Luiz de Oliveira, chefe político local da época.

O relato da construção da estrada corresponde, sem dúvida, a observações do próprio autor: quando morador da cidade, ele se distraía por horas a fio em conversar com os ciganos – chilenos, húngaros e sérvios –, que se agrupavam nos empréstimos (escavações à margem das estradas para obtenção de terra para os aterros) da rodovia que se construía.

Guimarães Rosa retrata o canteiro de obra, o trabalho que não para, a continuidade que dilui o tempo. A descrição pitoresca retrata as estradas abertas na enxada e picareta, com mata-burros, conforme a prática da época. As técnicas aplicadas na construção não parecem ter se desenvolvido muito desde o século XIX – Guimarães Rosa descreve o trabalho dos profissionais não qualificados, responsáveis por tarefas executadas de forma tradicional. Assim, a estrada passa a ser resultado da dupla articulação entre o tempo e o espaço: produto de cuidadosos projetos elaborados pelos engenheiros da época, que buscavam conhecimentos também em diferentes países, ela sofre, por outro lado, intervenções com base no “saber fazer”, que impõe adaptações e modificações frequentes (CRAVO, 2013).

Apesar da tecnologia de construção ser ainda tradicional, os fluxos que a estrada configura são essencialmente transformadores. A nova rodovia possibilita a articulação com diversas localidades e com as capitais – priorizando estes novos vínculos em detrimento dos vínculos tradicionais com o Vale do Rio Paraopeba, que continua com as estradas em péssimo estado (NEVES; CUNHA, 2015-2016).

O conto deixa entrever, portanto, a tensão inerente ao tempo alternado: o passado e o futuro competem no presente, conforme preconiza Gurvitch (1964 *apud* HARVEY, 2008). O enredo trata do lugar agreste, rústico, este pedaço de sertão que se afirma, com sua ordem estabelecida, seus costumes e sua estabilidade. Embora Lalino deixe a cidade, ele retorna e recupera sua posição social, sua esposa e seus amigos. A força da inércia das relações sociais não cede facilmente às pressões de mudança – um retrato de dialética entre determinismo e liberdade, de que fala Gurvitch (1964 *apud* MAILLARD, 2005). Assim, o pano de fundo das aventuras revela tensões sutis, subjacentes – os ciganos, os espanhóis, o trabalho na estrada são apenas o anúncio de um novo tempo social que vai aos poucos se afirmar. São as evidências de uma realidade nova que se infiltra, um tempo de “descontinuidade sem contingência” (HARVEY, 2008, p. 205)

ao qual o lugarejo se ajusta, enquanto maiores transformações se configuram: a consolidação da indústria, da vida urbana e das relações impessoais que chegam, certamente, para transformar as relações e impor o futuro sobre o presente. São novos desafios e estímulos, que vão mudar o sentido de lugar que caracteriza Itaguara, ainda isolada das grandes cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma leitura transversal de “A volta do marido pródigo” revela um amplo espectro de significados – a história se mistura a um relato mítico, no qual o elemento simbólico se constrói a partir da realidade. São vários os conteúdos vislumbrados pelos estudiosos da obra de Guimarães Rosa – mito, epopeia épica, inversão carnavalesca, parábola, relato histórico, crítica social etc. – e a chave para a compreensão das possíveis articulações parece ser o tempo.

Uma primeira perspectiva de análise enfatiza o tempo mítico da narrativa, tanto por sua condição de parábola quanto pelo seu enquadramento dentro de um sentido de tempo ligado aos valores do universo popular, aos quais Bakhtin (2002) associa uma visão carnavalesca na literatura. Outras abordagens destacam o caráter sócio-histórico da obra, que caracteriza determinado momento na história republicana do país.

Este artigo procurou interpretar o conto com base na noção de tempo proposta por Gurvitch (1964), para a compreensão das transformações que se anunciavam com a chegada das ferrovias e rodovias ao sertão. A articulação econômica que privilegiava as relações regionais e locais e perdurara até então, materializada nas estradas e caminhos, estava prestes a ser modificada.

No tempo permanente do sertão, prevalecia a continuidade. As mudanças emergentes introduziram a descontinuidade que, entretanto, não se impôs de imediato devido à resistência em mudar por parte daqueles que detinham privilégios – é esta a característica de um tempo alternado, que passou, assim, a vigorar.

Para Gurvitch, a questão que define o tipo de formação social é a dialética entre determinismo e liberdade (MAILLARD, 2005). O tempo alternado reforça esta dialética e contribui para os processos de transição.

A análise do conto baseada na perspectiva de Gurvitch permite trazer um contraponto a uma “parte da crítica de esquerda [que] desmerece a obra rosiana” (MAIA, 2007). Segundo Maia, esta parcela da crítica se contrapõe à interpretação mítica em Guimarães Rosa, pelo fato desta não apresentar a negatividade do “atraso” do sertão. “Em vez disso, [este “atraso”] é elemento que tem acento positivo como remanescente arcaico” (MAIA, 2007).

Uma leitura do texto sob o viés da Teoria dos Tempos Sociais de Gurvitch permite a reafirmação do valor da cultura sertaneja ao recusar três postulados, que se coadunam com esta crítica. O primeiro entende os processos sociais como naturalmente organizados em busca de um fim, ignorando a dimensão criativa dos movimentos sociais; o segundo afirma a racionalidade única, negando as diferenças identitárias e “as racionalidades intrínsecas presentes nos processos sociais originais e inovadores” (FARRUGIA, 1999, p. 111, tradução nossa); e o terceiro alega a existência de uma forma de progresso único, negando o pluralismo das formas culturais e seu valor.

A perspectiva da parcela de crítica de esquerda, citada por Maia (2007) e outras que defendem os postulados citados por Farrugia (1999), corresponde a

posturas intelectuais e ideológicas que podem legitimar posicionamentos políticos e técnicos. Desta forma, a sua recusa, por meio de uma leitura do conto de Guimarães Rosa pela perspectiva de Gurvitch, reafirma o valor da identidade do sertanejo. Fica claro, portanto, que a formação social e os diferentes tipos de conhecimento só podem ser compreendidos em correspondência com um contexto que inclui as maneiras de captar, perceber, simbolizar e conhecer cada tempo (GURVITCH, 1964).

Por fim, a proposta de uma visão que coloca a relação tempo/formação social como operador hermenêutico para o conto de Guimarães Rosa acrescenta uma nova camada para sua compreensão, privilegiando uma dinâmica de fluxos, relações e articulações (materializada na época pelas estradas), essenciais para a configuração da cultura.

THE RELATIVITY OF TIME IN “THE RETURN OF THE PRODIGAL HUSBAND” BY GUIMARÃES ROSA

Abstract: This paper seeks to investigate the marks of the different meanings of time that constitute the substrate of the short story “The return of the prodigal husband” by Guimarães Rosa. Three different approaches to time are presented: the first emphasizes the universal and mythical dimension of the plot; the second focuses on a sociohistorical dimension that portrays society at the time. Then, a third approach is proposed, which has been less explored by critics and seeks to analyze the social dynamics portrayed through the story: it departs from the premise presented by Gurvitch that there is a time for each social formation.

Keywords: Guimarães Rosa. Time. Social formation.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Secretaria de Agricultura, Viação e Obras Públicas*, série 4.5, cx. 65, pc. 01, 1927-1934. SA 252-254. SA 02.08.1929 SA 258.
- BAKHTIN, M. M. Forms of time and of the chronotope in the novel: notes toward a historical poetics. In: RICHARDSON, B. *Narrative dynamics: essays on time, plot, closure, and frames*. Columbus: Ohio University Press. 2002. p. 15-24.
- BAKHTIN, M. M. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARBOSA, L. S. Os provedores da técnica: os engenheiros provinciais e a edificação da infraestrutura viária de Minas Gerais. *História, Ciências, Saúde – Manuais*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 907-928, jul./set. 2011.
- BEMONG, N. *et al. Bakhtin’s theory of the literary chronotope: reflections, applications, perspectives*. Ghent: Academia Press, 2010.
- BENJAMIM, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLOCH, P. *Depoimento de Guimarães Rosa sobre a indicação à Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1963 (Entrevista). Transcrição apresentada na *Revista Manchete*, n. 580, 15 jun. 1963.

BUHLER, A. M. C. *Um conto, um herói, uma história: do universo maravilhoso das narrativas populares às sagas do sertão na obra Sagarana*. 2012. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6202>. Acesso em: 2 abr. 2019.

CRAVO, T. A. *Pontes e estradas em uma província no interior do Brasil oitocentista: engenharia, engenheiros e trabalhadores no universo construtivo da infraestrutura viária de Minas Gerais (1835-1889)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CRUZ, C. F. *Fazendas do sul de Minas Gerais: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX*. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

CUNHA, A. M. A diferenciação dos espaços: um esboço de regionalização para o território mineiro no século XVIII e algumas considerações sobre o redesenho dos espaços econômicos na virada do século. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA – CEDEPLAR/UFMG, 10., 2002, Diamantina. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMF, 2002.

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. *Itaguara*. Volume XXV, 1959. Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/itaguara.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2019.

FARRUGIA, F. Une brève histoire des temps sociaux: Durkheim, Halbwachs, Gurvitch. *Cahiers Internationaux De Sociologie*, v. 106, p. 95-117, 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40690808>. Acesso em: 2 abr. 2019.

GALVÃO, O. J. A. Desenvolvimento dos transportes e integração regional no Brasil – uma integração histórica. *Planejamento e Políticas Públicas*, n. 13, p. 184-211, jun. 1996. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/137>. Acesso em: 2 abr. 2019.

GODOY, M. M. *Intrépidos viajantes e a construção do espaço: uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1996. (Texto para discussão, n. 109).

GODOY, M. M.; BARBOSA, L. S. Uma outra modernização: transportes em uma província não-exportadora – Minas Gerais, 1850-1870. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 17, n. 2, p. 161, 2008.

GREENE, B. Introduction. In: EINSTEIN, A. *The meaning of relativity: including the relativistic theory of the non-symmetric field*. Princeton University Press, 2014. p. vii – xxv.

GURVITCH, G. *The spectrum of social time*. Dordrecht: D. Reidel, 1964.

GURVITCH, G. The problem of time. In: *The Sociology of Time*. Palgrave Macmillan, 1990. p. 35-44.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HUSSERL, E. *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*. Tradução Henri Dussort. Prefácio de Gérard Granel. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

LAMOUNIER, M. L. Ferrovias, agricultura de exportação e mão-de-obra no Brasil no século XIX. Campinas: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2000. p. 43-76.

LIMA, S. M. D. Canto e plumagem de Sagarana. *Graphos*, João Pessoa, v. 12, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/10910/6115>. Acesso em: 2 abr. 2019.

MACHADO, I. A. Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. *Itinerários – Revista de literatura*, Araraquara, n. 12, 1998.

MAIA, J. R. Sobre a crítica de Guimarães Rosa. *Espéculo – Revista de estudos literários*, Universidad Complutense de Madrid, n. 37, 2007. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero37/guimaro.html>. Acesso em: 2 abr. 2019.

MAILLARD, A. Les temps de l'historien et du sociologue. Retour sur la dispute Braudel-Gurvitch. *Cahiers internationaux de sociologie*, v. 119, n. 2, 2005, p. 197-222. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cahiers-internationaux-de-sociologie-2005-2-page-197.htm>. Acesso em: 2 abr. 2019.

MORAIS, V. A. *Estradas interprovinciais no Brasil Central: Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais (1834-1870)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Econômica)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NASCIMENTO, M. A. B. *Análise intertextual do conto “A volta do marido pródigo”, de Guimarães Rosa, com a parábola O filho pródigo*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2010.

NEVES, M. V. D.; CUNHA, S. G. M. *Guimarães Rosa em Itaguara*. Dossiê Acervo MUSA. Prefeitura de Itaguara: 2015-2016.

OLIVEIRA, A. M. M. Viagens e viajantes na literatura: a travessia de Guimarães Rosa. *Revista Urutágua*, n. 22, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/9532/6308>. Acesso em: 2 abr. 2019.

PIMENTA, D. J. *Caminhos de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

RAMOS, J. M. L'idée de temps dans les archives des sciences humaines et sociales à l'aube du nouveau siècle (1876-1909). *Temporalités*, 2014. Disponível em: <http://temporalites.revues.org/2943>. Acesso em: 2 abr. 2019.

REIS, J. C.; GUERRA, A.; BRAGA, M. Física e arte: a construção do mundo com tintas, palavras e equações. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 57, n. 3, p. 29-32, set. 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000300016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 abr. 2019.

- RIBEIRO, P. A. Estrutura, economia e política de transportes. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1957.
- RONCARI, L. *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano; o amor e o poder*. São Paulo: SciELO, Editora Unesp, 2004.
- ROSA, J. G. *Sagarana*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- SOERENSEN, C. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. *Travessias*, v. 5, n. 1, p. 318-331, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/4370/3889>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- SOUZA, E. M. de. A biografia, um bem de arquivo. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 121-129, jan./jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2019.
- TARVI, L. Cronotopo e metáfora como modos de combinação contextual espaço-temporal: o princípio da relatividade na literatura. *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 193-208, abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732015000100193&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 abr. 2019.

Recebido em 29 de dezembro de 2017.

Aprovado em 21 de outubro de 2018.